

VAN TED

ANUNNAKI

A ERA DOS DEUSES



BIBLIOTECA

ufo

Segunda
edição
ampliada

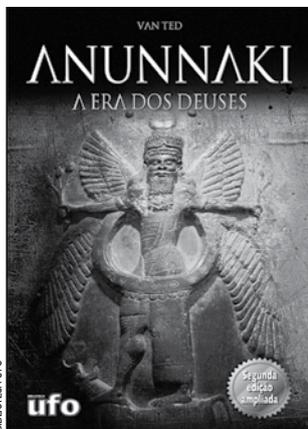
ANUNNAKI

A ERA DOS DEUSES

Van Ted

BIBLIOTECA
ufo

O que é a Biblioteca UFO



A **BIBLIOTECA UFO** já está consagrada pela Ufologia Brasileira. Foi lançada pela Revista UFO em 1998 para veicular obras de qualidade, atuais e consistentes sobre a presença alienígena na Terra e suas consequências, produzidas por autores ativos e que ajudaram a construir a história atual da Ufologia. A Biblioteca pretende abastecer os estudiosos e entusiastas do assunto com livros ricos em informação de qualidade sobre nossos visitantes extraterrestres. O critério de seleção de autores leva em consideração o significado, a utilidade e a repercussão de seu trabalho.

Assim como são escolhidos temas que ofereçam verdadeira contribuição ao entendimento da questão ufológica em todas as suas vertentes.

Ao serem consideradas novas obras para comporem este acervo, observa-se também um critério muito presente no Fenômeno UFO, ou seja, sua manifestação em múltiplos níveis físicos e não físicos. Para tanto, um estudo de tão complexo cenário deve ter em conta a transdisciplinaridade como ferramenta de trabalho, ou seja, um conceito que mescle diferentes formas de pensamento e inter-relacione várias disciplinas, estimulando novas maneiras de se compreender e assimilar a realidade dos fatos por meio da articulação dos elementos que os compõem, sob todos os seus ângulos.

Assim, refletindo o esforço da Revista UFO há 35 anos, a Biblioteca UFO busca encontrar as respostas para a ação na Terra de outras espécies cósmicas e seus efeitos para a humanidade, entendendo que apenas uma abordagem adogmática, profunda e responsável poderá oferecer entendimento a seu respeito e as respostas para o enigma do milênio. Esta abordagem é a que se imprime nesta coleção de livros, com a expectativa de que o Fenômeno UFO e matérias adjacentes e igualmente importantes sejam compreendidas em sua totalidade e profundidade evidentes.

Agradecimentos

Ao Criador de Tudo, que me iluminou por todo o caminho percorrido. Aos Anunnaki, que são a fonte da minha inspiração. A Zecharia Sitchin, que abriu a minha mente para uma nova realidade. À minha mãe Elza e à minha irmã Vera, que em todos os momentos da minha vida sempre me apoiaram e levaram a sério até os meus devaneios. E a vocês, meus leitores e amigos, que acreditam no meu trabalho e me apoiam com tanto carinho, em especial, Lucia FB, que abnegadamente me ajudou na revisão de texto. Que Deus e os deuses lhes abençoem em todos os aspectos de suas vidas neste planeta.

Dedicatória

Dedico este livro a você que, assim como eu, está incansavelmente em busca da verdade.

— Van Ted

Lapa, Paraná, 2019.

Quem Van Ted



ARQUIVO UFO

VAN TED é pesquisadora da Teoria dos Antigos Astronautas, que investiga o contato extraterrestre na pré-história, tendo como principal base de estudos a teoria elaborada por Zecharia Sitchin, tornando-se ao longo dos últimos anos referência no Brasil como divulgadora de sua obra. Nascida no Paraná em 02 de junho de 1965, sempre esteve em contato com o universo ufológico desde criança. Seu pai era aviador e relatava com frequência avistamentos de UFOs, geralmente na Região

Amazônica, tendo seu avião em certa ocasião sido escoltado por uma nave — que como ele costumava dizer: “*Não era das nossas!*” Isso ocorreu em Santarém, no Pará, até Londrina, no Paraná, deixando-o um pouco antes do pouso no aeroporto de destino. Sua mãe tinha um acervo literário considerável sobre Ufologia e seu autor preferido acabou sendo Erich von Däniken, cuja literatura dava sempre início à conversa preferida a qualquer hora do dia ou da noite.

A inclinação da autora para o lado místico da vida foi despertada desde muito cedo também, tendo sido columba da Ordem Rosacruz, conhecido a Teosofia, estudado com afinco a Doutrina Secreta de H. P. Blavatsky e frequentado por algum tempo a Eubiose, em Curitiba. Curiosa, percorreu vários caminhos religiosos, sempre em busca de algo que realmente respondesse ao anseio de sua alma pela verdade. Aos 16 anos, entrou para um convento franciscano, permanecendo ali por três anos, onde se destacou por seu talento musical, compondo músicas que por décadas fizeram parte dos hinários litúrgicos das missas. Mas descobriu, enfim, que sua vocação não era religiosa, mas o violão

permaneceu como seu melhor companheiro de uma carreira musical intensa, cantando, tocando, compondo, escrevendo e produzindo música, viajando por todo o Brasil, às vezes se demorando um pouco em um local ou outro mas nunca parando definitivamente em lugar algum.

Finalmente, Van Ted se estabeleceu em São Paulo por 25 anos, cantando em bares e à frente do projeto 99 Macacos, seu último trabalho na música, que deixou para trás quando voltou a morar no Paraná para ajudar a mãe, já idosa. Acabara o ciclo de aventuras e sonhos da juventude e, de forma natural, a música foi substituída pela Ufologia novamente quando, em 2010, teve suas perguntas de uma vida inteira respondidas ao ler *12º Planeta*, de Zecharia Sitchin. A partir de então, tem se dedicado a esse estudo, escrevendo em seu blog, palestrando sobre o tema e participando de programas no YouTube, onde é sempre convidada a falar e, agora, estreando como escritora.

Paralelamente a isso, Van Ted é a criadora dos *Anunnaki Cards*, um guia muito divertido de estudos para os leitores de Sitchin, e está à frente do projeto de uma minissérie em quadrinhos que terá seis edições contando toda a saga Anunnaki na Terra. A primeira revista está em produção artística e se tornou possível através do financiamento coletivo proporcionado pelos seguidores do seu trabalho na internet. Criativa e empreendedora, com certeza não irá parar por aí. Em tempo: adora desenhar e pintar.

Sumário

ANUNNAKI

A ERA DOS DEUSES

PRÓLOGO	Lista protodinástica I dos reis sumérios	15
PREFÁCIO	Uma busca incessante	17
CAPÍTULO 01	Adão e Eva: o mito da criação	21
CAPÍTULO 02	Zecharia Sitchin: o pai da teoria	35
CAPÍTULO 03	Anunnaki: os nossos criadores	45
CAPÍTULO 04	O homem foi criado para ser escravo?	61
CAPÍTULO 05	Desmistificando o passado	69
CAPÍTULO 06	A verdade sobre os anjos caídos	79
CAPÍTULO 07	A fogueira de Beltane	85
CAPÍTULO 08	Adão e Eva na Bíblia: três pares diferentes	89
CAPÍTULO 09	Dilúvio: o cataclisma	99
CAPÍTULO 10	Analisando Enki e Enlil	105
CAPÍTULO 11	O que era a Torre de Babel	109
CAPÍTULO 12	Enki e a Serpente do Éden	117
CAPÍTULO 13	Desvendando o mistério YHWH	123
CAPÍTULO 14	Decifrando lendas	127

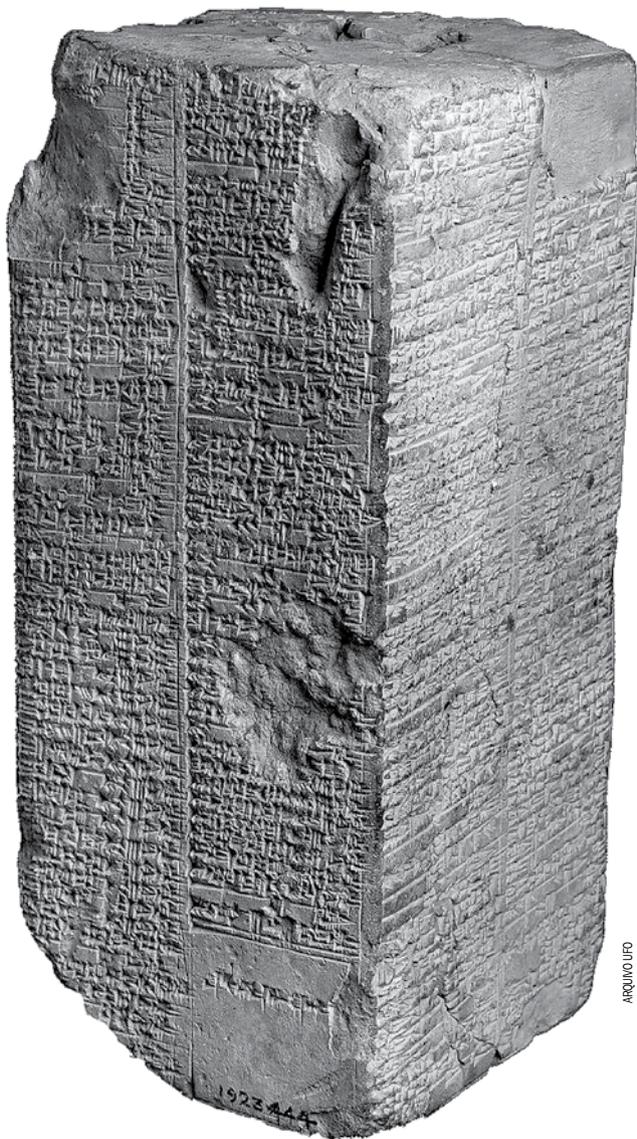
CAPÍTULO 15	As incríveis armas de terror	131
CAPÍTULO 16	A Lei da Semente e a Lei da Sucessão	135
CAPÍTULO 17	Petra, o Reino Perdido	139
CAPÍTULO 18	Abrão e a Era de Touro, Moisés e a Era de Áries	145
CAPÍTULO 19	A conspiração igigi	147
CAPÍTULO 20	Jesus e os Anunnaki	159
CAPÍTULO 21	Madame Blavatsky e Zecharia Sitchin	169
CAPÍTULO 22	Sim, a Lua é uma base extraterrestre	173
CAPÍTULO 23	De volta ao Planeta Nove	177
CAPÍTULO 24	Sonhos e visões	189
CAPÍTULO 25	Deus criou o homem à sua imagem e semelhança	199
POSFÁCIO	A Data Limite Segundo Chico Xavier	203
BIBLIOGRAFIA	O que há para se ler	207



O poderoso Anunnaki Enlil

ARQUIVO UFO

Pedra com a lista dos reis sumérios



**“Porque mil anos são, aos teus olhos,
como o dia de ontem que passou”.**

Lista protodinástica I dos reis sumérios e seus reinados

Um shar corresponde a 3.600 anos

Um ner corresponde a 600 anos

- **Alulim de Eridu:** duração de 8 shars (30.000 anos, indo de 454.000 até o ano de 388.800, antes do Dilúvio).
- **Alalgar de Eridu:** duração de 10 shars (36.000 anos, indo de 388.800 até o ano de 316.800, antes do Dilúvio).
- **En-men-lu-ana de Bad-Tibira:** duração de 12 shars (43.200 anos, indo de 316.800 até o ano de 244.800, antes do Dilúvio).
- **En-Men-Gal-Ana de Bad-Tibira:** duração de 8 shars (28.800 anos, indo de 244.800 até o ano de 223.200, antes do Dilúvio).
- **Dumuzi de Bad-Tibira, o pastor:** duração de 10 shars (36.000 anos, indo de 223.200 até o ano de 201.600, antes do Dilúvio).
- **En-Sipad-Zid-Ana de Larak:** duração de 8 shars (28.800 anos, indo de 201.600 até o ano de 172.800, antes do Dilúvio).
- **En-men-dur-ana de Zimbir (Sippar):** duração de 5 shars e 5 ners (21.000 anos, indo de 172.800 até o ano de 136.800, antes do Dilúvio).
- **Ubara-Tutukin (Ubartutu) de Shuruppak:** 5 shars e 1 ner (18.600 anos, indo de 136.800 até o ano de 64.800, antes do Dilúvio).
- **SuKurLam:** duração de 28.800 anos, indo de 64.800 até o ano de 36.000, antes do Dilúvio.
- **Zin-Suddu ou Ziusudra, o “Noé sumério”:** duração de 36.000 até o Dilúvio.

Prefácio

Uma busca incessante

Foi em 2010 que tive o primeiro contato com a obra de Zecharia Sitchin. O assunto tratado em seus livros não chegou a ser novidade para mim, pois desde criança eu já estava em contato com esse tipo de literatura relacionada à Teoria dos Antigos Astronautas. Em casa era assunto recorrente. Minha mãe sempre gostou de falar e ler sobre isso. Nunca vou esquecer quando peguei em sua estante de livros a preciosidade *Eram os Deuses Astronautas?*, de Erich von Däniken [*Melhoramentos*, 1968]. Eu tinha 10 anos e mergulhar naquelas páginas refrigerava meu espírito inquieto. Havia coerência nas perguntas de Däniken, era tudo fascinante e todas aquelas imagens... Dentro de mim sempre houve uma desconfiança de que extraterrestres tinham tudo a ver com o surgimento da espécie humana na Terra. Eu só não imaginava como.

Somente quando li Zecharia Sitchin, muitos e muitos anos depois disso, é que a maior parte das minhas perguntas foi respondida. Costumo dizer que em 1968 Däniken fez as perguntas certas em *Eram os Deuses Astronautas?* e em 1976 Sitchin as respondeu na versão original em inglês de *O 12º Planeta* [*Madras*, 2017]. Comecei a buscar todos os seus livros e devorava cada um deles. Mas foi somente no final de 2012 que comecei a falar a respeito e a participar de grupos de discussão no Facebook. Estava procurando mais pessoas interessadas nesse assunto e na obra do autor queria trocar ideias, tirar dúvidas. Foi aí que percebi que na realidade eu já estava há meses apenas tirando as dúvidas dos

outros. Iam-se horas reparando equívocos de interpretação de leitura da obra de Sitchin e, acima de tudo, tentando consertar ideias preconcebidas em sites e blogs caça-níqueis espalhados pela web. Eram mares escuros e espessos de desinformação.

Resolvi parar de discutir e começar a escrever. Criei uma *fanpage* no Facebook e dei a ela o nome de *Crônicas da Terra: Zecharia Sitchin*, na qual passei a postar trechos das obras do autor e explicá-las. Mais para frente comecei a desenvolver meus próprios textos e a criar artigos sobre o assunto. Com o tempo foi-se formando uma legião de pessoas a me procurar, interessadas no que eu escrevia. Com o tempo, aqueles mesmos blogs caça-níqueis passaram a retalhar meus artigos, “copiando e colando” no recheio de outros textos para formar “artigos Frankenstein”. Estavam usando minhas palavras para desconstruir um assunto tão sério e tão complexo!

Passei por um processo de desgosto e de cansaço físico e mental, vi todo o meu esforço sendo jogado na sarjeta da desinformação que tanto me esforçava para combater. Então, finalmente, pensei: tenho que parar de escrever na internet e escrever um livro. E foi o que fiz. Assim, *Anunnaki: A Era dos Deuses* é a reunião de todos os artigos que registrei até hoje, já publicados na internet ou ainda inéditos, ordenados para formar uma linha sequencial lógica e de fácil assimilação. Foi a forma que encontrei de proteger e valorizar meu pensamento e de estar mais perto dos meus leitores, continuando a fazer o meu trabalho, que jamais pretendeu substituir os estudos da obra de Sitchin, mas complementá-los.

Pretender superá-los seria uma tarefa impossível, pelo menos para mim, pois a obra dele é imensa, extremamente técnica, meticulosa e de um conteúdo científico, arqueológico e linguístico que vai extraordinariamente muito além do meu conhecimento. Eu apenas sigo o Fio de Ariadne. Sigo as pistas que o mestre deixou. De seus estudos, exploro os cantos mais obscuros, aqueles que ficaram propositalmente deixados à sombra para que formássemos nós mesmos nossas próprias opiniões a respeito e tivéssemos nossos próprios *insights* como um dia ele teve ao formular sua teoria sobre o chamado Planeta X.

Não trato de nada que já não tenha sido tratado pelo velho professor, não digo nada que ele já não tenha dito e, sendo honesta, tudo

o que havia para ser dito de mais importante, o foi. É com verdadeiro respeito que me proponho a ser sua aluna mais aplicada neste estudo que a tantos maravilha e que hoje em dia virou febre para o bem e para o mal. Que este livro possa elucidar as principais e mais recorrentes dúvidas sobre a teoria de Sitchin e pelo menos boa parte dos assuntos que ela envolve, e que seja uma espada afiada na linha de frente da batalha contra a desinformação. No mais, espero que seja uma leitura agradável e proveitosa para todos. Então...

Vamos em frente!

“Se a Bíblia não está falando de Deus, está falando de quem então?”

“Tudo o que eu acreditava caiu por terra... No que acreditar agora?”

“E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra e soprou em suas narinas o fôlego da vida. E o homem foi feito alma vivente”.

— **Gênesis 2:77**

Capítulo 01

Adão e Eva: o mito da criação

Muitos de nós crescemos doutrinados por alguma das religiões abraâmicas que se distinguem em três vertentes: o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo. Todas são monoteístas e concebem o Deus dos textos sagrados como sendo o Deus universal e o criador de todas as coisas. E todas explicam a origem do homem a partir de um molde de barro feito pelas mãos do próprio Deus. O conto bíblico continua dizendo que após a criação o homem foi posto no Jardim do Éden para que dele cuidasse. Também conta como surgiu a mulher que foi feita a partir de uma das costelas de Adão e, mais para frente, como o casal teria caído em desgraça após ouvir a maléfica serpente que por ali se arrastava, e como Deus, percebendo que algo neles havia mudado, enfureceu-se com isso, expulsando o jovem casal do Paraíso, condenando-os a uma vida de trabalho e sofrimento.

Essa história nós sabemos de cor e salteada e, apesar da beleza propositalmente alegórica que o texto traz e da curiosidade perplexa que nos causa, acaba surtindo na grande maioria das pessoas a inteligente e debochada desconfiança de que tudo não passa de um mito para explicar algo complexo. Ora, nós aprendemos nas escolas que viemos e evoluímos do macaco.

Na verdade, a teoria da evolução não diz que o homem veio do macaco — essa é uma ideia errônea sobre a proposição de Darwin. A teoria diz que nós e os macacos possuímos um ancestral comum

e pertencemos ao grupo dos primatas. De qualquer forma, levou muito tempo para que a nossa sociedade aceitasse a Teoria da Evolução como algo muito mais coerente com a nossa origem. Então, o que mais haveria para investigar se já tínhamos a resposta? E se de repente o mito bíblico é tão ou mais verdadeiro que a teoria lançada em 1859, em plena Era Vitoriana?

Quando há décadas Charles Darwin publicou o livro *A Origem das Espécies* [Reedição de Martin Claret, 2014], seus colegas acadêmicos, a Igreja e a austera sociedade da época o apedrejaram de todas as formas possíveis. E vejam que no livro Darwin evitou ao máximo usar o termo evolução, pois isso implicava criação sem intervenção divina, o que era uma tremenda e imperdoável blasfêmia. A sua sorte é que a “Era das Fogueiras” já havia passado, mas ele não escapou de ser retratado numa caricatura de macaco na famosa revista inglesa *Hornet*. Porém, com o tempo sua tese tornou-se a explicação científica mais aceita e mais divulgada para a diversidade de espécies na natureza. Em contrapartida, a credibilidade da *Bíblia* e a fé nela depositada foram sendo inevitavelmente enfraquecidas pela gradativa aceitação geral da Teoria da Evolução. Era e é uma questão de lógica: se o homem evoluiu, então não pode ter sido milagrosamente criado por Deus!

Mas temos um probleminha com a teoria de Darwin... Nunca ficou explicado o salto que a humanidade deu, passando direto do *Homo erectus* para o *Neandertal* e, na sequência, do *Neandertal* para o *Cro-magnon*, sem deixar vestígios desse salto enorme entre um e outro. Nunca foram encontradas ossadas de seres intermediários entre o *Homo erectus* e o *Neandertal*. E nem entre este e o *Cro-magnon*. Volta e meia aparecem candidatos ao Elo Perdido, mas nunca se sustentam no posto, conforme as investigações avançam.

Outro fator sem explicação é que os neandertais apareceram há uns 300 mil anos, em vez de aparecerem 2 ou 3 milhões de anos no futuro, seguindo a lógica do processo evolucionário. Sim, porque se tivéssemos evoluído naturalmente do *Homo erectus*, ainda estaríamos lá atrás no estágio mais primitivo e não aqui. Afinal, essa espécie simiesca já perambulava pela terra há 3, 4 e já se fala em 8 milhões de anos, segundo estudos recentes.

Como então aconteceu um salto tão grande para os neandertais, que surgiram relativamente há tão pouco tempo? Temos seres mais próximos a ele, aparentemente com poucas diferenças, como o *Homo Heidelbergensis*, que surgiu há 600, 700 mil anos, e também o *Denisovano* e agora o *Proto-Neandertal*, encontrados no norte da África e que apareceram na mesma época e, mesmo assim, estão deslocados no tempo natural de evolução em comparação com as espécies mais primitivas, como o *Homo erectus* ou próximos dele.

Junte-se a isso o fato de que tanto os neandertais e seus similares, como *Homo erectus* e seus similares, além dos cro-magnons, coexistiram até coisa de 40 mil anos atrás. Vários tipos do gênero humano em estágios diferentes de evolução convivendo no mesmo período. Um não anulou o outro. Como se explica isso? As hipóteses são várias. Nenhuma conclusiva. De qualquer forma, como os outros espécimes de *Homo* não são considerados pela ciência como sendo *sapiens*, vamos nos concentrar diretamente no *Homo sapiens neanderthalensis*, muito embora hoje em dia já se cogite que ele não seja o antecessor do homem moderno, mas um parente indireto e, sendo assim, uma parte dos pesquisadores rejeita o termo *sapiens* para ele, enquanto outra parte insiste que ele seja uma subespécie do *Homo sapiens sapiens*. Portanto, deve manter o *sapiens* em seu sobrenome.

Enquanto os cientistas resolvem o que fazer, continuo com a minha linha de raciocínio, na qual o Neandertal se encaixa perfeitamente como uma criatura deslocada no ritmo evolucionário após o *Homo erectus* e como antecessor do *Homo sapiens sapiens*, seguindo a linha científica que considera o mesmo. Estudos sobre o DNA mitocondrial levam a supor que tanto os neandertais, ou *Homo sapiens neanderthalensis*, como os cro-magnons, ou *Homo sapiens sapiens*, evoluíram de um ancestral comum, faltando apenas saber quando teria ocorrido a separação. O problema é que não existem ossadas que façam a conexão com esse antepassado em comum.

Outros estudos genéticos também constataram que a cerca de 200 ou 350 mil anos atrás, mais ou menos, houve uma mudança súbita na cadeia do DNA humano — e ainda não foi encontrada qualquer explica-

ção lógica para isso. Ou seja, já não é mais só uma questão de encontrar ossadas intermediárias, a genética também acusa um salto inexplicável do tipo *Homo erectus* para o tipo *Homo neanderthalensis*.

Claramente, a ciência ainda não tem todas as respostas. Descobre-se, aqui e ali, uma nova ossada de algum ancestral do homem moderno em algum local que foge do senso comum acadêmico, mais e mais questões são levantadas, possibilidades são exploradas, descobertas genéticas nos tiram a respiração e o anseio cresce mas, ainda assim, continuamos sem respostas para o que realmente aconteceu no passado. E como caçadores de um tesouro de pirata, perdido no tempo e na lenda, vamos seguindo as linhas pontilhadas e decifrando as pistas que nos levam sempre a uma outra pista, mas ainda não podemos entender por completo o velho mapa de couro surrado.

O fato é que de caçadores primitivos, coletores de frutos caídos ao chão, de feições rústicas, cheios de pelos por todo o corpo, que conviviam com outros animais e bebiam em poças d'água da chuva, nos transformamos subitamente, de uma hora para a outra, em seres graciosos, construtores de cidades, escribas, médicos, professores, sem ter tido o tempo necessário para um aprendizado baseado em tentativas, erros e acertos, como teoricamente acontece numa evolução natural.

Por outro lado, podemos especular que subir em uma árvore para se abrigar ou colher um fruto que já se sabe comestível por experiência passada de geração em geração, ou ainda que fazer uma lança com ponta de pedra vem do instinto de sobrevivência, vem da inteligência adquirida pela observação somada à necessidade de se virar com o que se tem por perto, mas construir cidades exige conhecimento. E de onde veio esse conhecimento todo, assim, de uma hora para outra?

Muitos se confortam espiritualmente e sem questionamentos ao dogma religioso da criação, ao Mito de Adão e Eva. É meio estranha aquela parte da cobra falante, mas tudo bem. O importante é ter fé. Outros se conformam intelectualmente com a Teoria da Evolução, mas, no fundo, o tal Elo Perdido é uma bela pulga atrás da orelha. De uma ou de outra forma entrevemos, mesmo que sutilmente, que falta uma peça nesse quebra-cabeça.



À esquerda, uma representação artística do que seria o Homem de Cro-Magnon ou Homo sapiens arcaico. À direita, idem do Homo sapiens neanderthalensis

Há mais alguma alternativa que nos instigue a continuar buscando uma resposta? Sim, há! Podemos nos aventurar pela Teoria dos Antigos Astronautas. Essa conjectura investiga sobre uma possível interferência extraterrestre ocorrida no passado da Terra e da humanidade, e promete respostas que trazem a solução do mistério para o Elo Perdido.

Você já ouviu falar, ou leu, sobre as tabuletas de argila mesopotâmicas encontradas na Biblioteca de Assurbanipal II, nas ruínas da bíblica cidade de Nínive? Por volta de 1840, arqueólogos ingleses e franceses fizeram descobertas incríveis. No meio das escavações encontraram palácios, templos, joias, estátuas, a tal biblioteca real e, dentro dela, mais de 25 mil tabuletas de argila, todas com escritos cuneiformes. Essas tabuletas relatavam de tudo: textos históricos, poesias, registros astronômicos, fórmulas matemáticas, contratos comerciais, partituras musicais, tudo. Inclusive textos mitológicos que retratavam a vida dos deuses, seus feitos, sua genealogia etc.

Para escrever *O 12º Planeta* [Madras, 2017], o primeiro livro de uma série e a base de sua teoria, Zecharia Sitchin debruçou-se durante 30 anos sobre as traduções das tabuletas que já estavam

disponíveis em diversos tratados, teses e livros de diversos autores, em grande parte ligados à arqueologia ou à filologia — ele também investigou pessoalmente muitas tabuletas originais às quais pôde ter acesso em museus espalhados pelo mundo, principalmente o Museu Britânico, em Londres.

Em seguida, Sitchin escolheu o melhor resultado dessas traduções, aquelas que faziam mais sentido para ele ou que eram mais coerentes entre si, e as comparou com o texto bíblico em hebraico massorético. E foi aí que ele percebeu que o que os primeiros tradutores dos textos mesopotâmicos consideraram como simples mitologia era, na verdade, uma história real. A história dos deuses sumérios — que ficaram conhecidos nesses últimos anos como Anunnaki —, e que um dia, há mais ou menos 450 mil anos, saíram de seu reino celestial e vieram para a Terra.

A *Bíblia* refere-se a eles como os *Elohim* e como os Nefilim. Vários são os epítetos bíblicos para eles. Para o reino celestial, os sumérios deram o nome de Nibiru. Esse nome foi encontrado no texto *Enuma Elish*, que é cópia de um artigo sumério muito mais antigo, onde a palavra Nibiru significa “travessia”, porque, segundo o antigo texto, o misterioso corpo celeste que é inicialmente chamado de Marduk em homenagem política ao deus que dita vitoriosamente ao escriba sua versão babilônica da história. Ele atravessaria o Sistema Solar de quando em quando, entre Marte e Júpiter, justamente no espaço onde tem o Cinturão de Asteroides, cujas rochas sempre nos fazem especular se não seriam os restos mortais de um planeta destruído há muito, muito tempo atrás.

O texto mesopotâmico é bem explícito: “*O número dos corpos celestes de Mulmul é doze*”. Mulmul era como chamavam o Sistema Solar. Os sumérios faziam a conta somando os nove planetas já nossos conhecidos, inclusive Plutão, juntamente com o Sol e a Lua da Terra. O 12º membro do Sistema Solar, o Travessia, ou Nibiru, era representado pictograficamente com o sinal da cruz. Uma cruz enfeitada com sinais que lembram radiação e luz, indicando um corpo com campo magnético bastante forte. A cruz é um dos símbolos mais antigos do mundo.

Os textos falam de Nibiru assim: “*Ele perscruta o escondido conhecimento. E vê todos os quadrantes do universo. O grande*

planeta, a sua aparência, vermelho escuro. O mais radiante dos planetas é ele”. Sitchin supõe que seja uma anã-marrom, cujo espectro não pode ser reconhecido por telescópios comuns e, por isso, ainda não foi encontrado em nosso Sistema Solar. Hoje já se fala no Planeta Nove e as coincidências que o ligam ao hipotético Nibiru de Sitchin são muitas.

É um planeta gelado, com massa de 7 a 10 vezes maior do que a da Terra, sendo possivelmente do tamanho de Netuno e com uma órbita excêntrica. Mas as coincidências acabam quando se começa a tratar do tempo de órbita e do caminho que o novo membro da família do Sol faz. O Planeta Nove não passa por dentro do Sistema Solar, entre Marte e Júpiter, mas abraça por fora todos os planetas numa grande órbita em volta do Sol, com tempo estimado entre 15 a 20 mil anos.

Já a órbita de Nibiru em volta do nosso Sol é proposta como sendo de 3.600 anos. Os sumérios definem esse tempo como *um shar*, que é uma unidade matemática que equivale ao “ano” de Nibiru. E agora, podemos vislumbrar a diferença nos ciclos de vida dos Elohim, ou Anunnaki, em relação ao nosso, os terrestres. Se 3.600 anos da Terra correspondem a um ano de Nibiru, quanto tempo vivem esses seres que foram adorados como deuses nas mitologias dos quatro cantos do mundo antigo?

Nós vivemos no máximo e sofridamente 120 anos e, em alguns casos raros, 200 anos, mas para os Anunnaki provavelmente esse tempo não passa de uma pausa para a sesta após o almoço. Isso nos dá a exata ideia do porquê os povos antigos achavam que os deuses ou mesmo o Deus bíblico eram imortais. Mas os textos deixam claro, aqui e ali, que esses deuses podiam sim, morrer. Deus não é eterno, ele apenas viveria muito. Estivemos lidando o tempo todo com seres extraterrestres, e não com o Deus criador de todas as coisas, no qual os próprios Elohim, ou Anunnaki, também acreditavam. Sim, os Anunnaki acreditam em Deus. E a *Bíblia* não fala, em nenhum momento, desse Deus eterno universal — ela fala o tempo todo, do começo ao fim, linha por linha, de seres de outro planeta.

Mas, afinal, por que os Anunnaki saíram de Nibiru, seu Reino Celestial, e empreenderam viagem para a Terra? Porque eles precisavam de ouro. Segundo a teoria de Sitchin, todas as pistas indicam que os

Elohim vieram para a Terra em busca de ouro para recuperar a atmosfera do planeta deles. Esse metal reduzido ao pó e com o uso de tecnologia, elevado ao céu, poderia curar a ferida na atmosfera que estaria comprometendo toda a vida no planeta. E eles estavam realmente desesperados em busca do ouro da salvação!

Uma equipe após a outra foi chegando à Terra e a vida por aqui não foi nada fácil para os astronautas da missão. Quando uma equipe se exauria completamente, era substituída por outra que trazia jovens com vontade de aventura. Mas o que encontravam aqui era o duro trabalho de escavação e mineração. Com o tempo, começavam a ficar muito doentes, pois a má alimentação, o trabalho pesado e principalmente o ciclo rápido da Terra em volta do Sol afetavam seus metabolismos acostumados em outro ritmo.

Uma revolta aconteceu e uma rebelião se formou. Os jovens não queriam passar a vida embaixo da terra escavando, escavando... Os líderes da então chamada Missão Terra reuniram-se e depois de longas discussões filosóficas a respeito das regras espaciais decidiram criar um escravo através da engenharia genética, cruzando a espécie simiesca que aqui já se encontrava — a partir da descrição do ser no antigo texto, Sitchin sugere que tenha sido uma fêmea do *Homo erectus* — com o material genético de um jovem Anunnaki, como conta o mito da criação babilônico, *Enuma Elish*.

Muitas foram as tentativas, muitos foram os fracassos e muitas quimeras foram criadas no processo. Lendas como as do Minotauro, Centauro, Fauno, Sereias, entre outras, deveriam ser levadas mais a sério, pois tudo indica que realmente existiram. Mas, finalmente, a equipe obteve sucesso e um ser mais aprimorado surgiu da experiência científica. Os Anunnaki o chamaram de Lulu Amelu, que na língua suméria significa “trabalhador primitivo”. Nesse ponto, indo contra a ideia geral de colegas meus, que entendem ter sido o *Cro-Magnon* o resultado da experiência, ousou sugerir que tal ser tenha sido o Neandertal, por suas características físicas, robustez, capacidade cognitiva e de fala. Foi planejado para o trabalho pesado e cumpria satisfatoriamente as tarefas que lhe eram atribuídas, além de entender os comandos simples e as ordens de seus superiores. E, se necessário, o *Homo sapiens neanderthalensis* podia



EDWIN BARREBA

Tabletas de argila que contém importantes inscrições da Antiguidade, bem acondicionadas para preservação no acervo do Museu Britânico, em Londres

comunicar-se adequadamente. Até algum tempo atrás se acreditava que essa espécie não podia falar, apenas grunhir. Isso foi por terra quando, em 1989, descobriram em um sítio arqueológico de Israel resquícios de ossadas de neandertais e, entre as descobertas, o osso hioide que suporta a musculatura na base da língua, e sem o qual a fala seria impossível.

Os cientistas desvendaram que a estrutura do osso mostrava sinais de intensa e constante atividade metabólica. Fora isso, posteriormente, também expuseram a presença de duas características do gene *FoxP2*, responsável pela fala no homem moderno. O Neandertal podia falar, mas a posição da língua dentro do maxilar deixava a fala arrastada e lenta. Tudo bem, isso bastava para uma comunicação básica e eficiente. Logo fizeram um par feminino para ele com seu próprio material genético e ambos foram levados para exibição pública no laboratório botânico do Edin, o chamado “Lar dos Justos”.

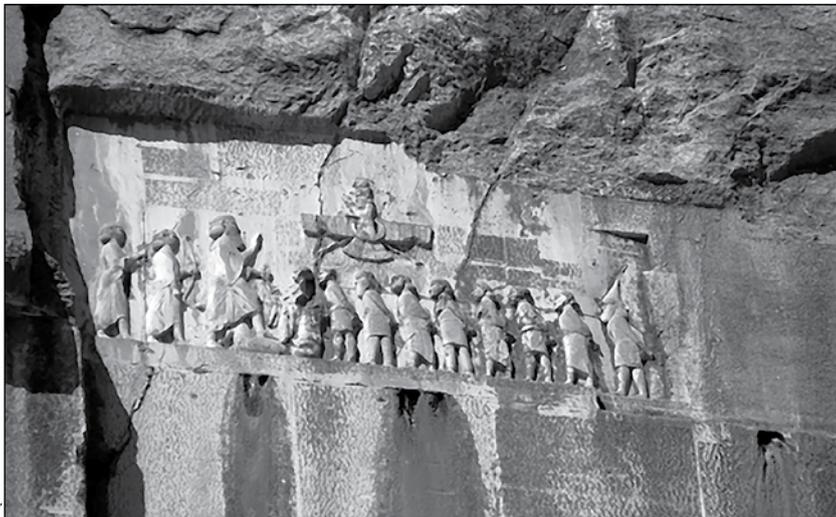
Sim, estou falando do Jardim do Éden bíblico. Esse primeiro casal, uma subspecie do gênero *Homo sapiens*, foi tratado como matriz e, por isso, foi poupado do trabalho pesado — seus clones não tiveram a mesma sorte, pois assim que cresciam e podiam manejar

a picareta, eram levados para as minas subterrâneas. Trabalhavam e não reclamavam de cansaço nem dores nas costas, apreciavam a ração limitada e gostavam de estar perto dos grandes Elohim. Interessantemente, o professor Roger W. Wescott, presidente da Faculdade de Antropologia de Madison University, nos Estados Unidos, no livro *The Divine Animal [O Animal Divino. Funk & Wagnalls, 1969]*, diz em seus estudos que a espécie *Sapiens* apresenta reações emocionais e atitudes sociais, típicas de espécies domesticadas.

Os astronautas extraterrestres tiveram suas merecidas férias após séculos de trabalho duro e agora passavam o dia caçando, nadando, jogando conversa fora, dormindo, comendo e engordando. Lá no Edin, as crianças eram chamadas pelos nomes que receberam de seus pais de proveta: o menino foi chamado de Adamu, “*vermelho como a argila da terra*”, e a menina de Ti-Amat, a “*mãe da vida*”. Eles formam o primeiro casal Adão e Eva, relatado no *Gênesis* bíblico, e é aquele que foi expulso do Paraíso por ter provado do Fruto do Conhecimento, fruto esse que nada mais era do que uma intervenção genética que possibilitou ao casal se reproduzir e, assim, se multiplicar por conta própria, sem a necessidade da clonagem. Adamu e Ti-Amat, assim como seus clones, eram estéreis de nascimento, por serem híbridos.

A astuta serpente que deu o tal fruto para Eva foi o brilhante cientista que conduziu toda a experiência desde o início: Enki, o deus sumério do conhecimento. Quem expulsou o casal do Jardim do Éden foi Enlil, chamado “O Senhor do Comando”, líder da Missão Terra, e que fez isso desgostoso do rumo que a experiência genética estava tomando. O que era para ser descartável, agora tinha o poder de se multiplicar. Seu medo era que também tivessem dado à criatura a vida longa dos deuses.

Isso, em longo prazo, representaria perigo em potencial para os Elohim que se encontravam em número menor na Terra. E foi exatamente o que aconteceu mais tarde no decorrer da história, e depois falaremos sobre isso. Por ora, precisamos apenas saber que Enlil foi contra a experiência genética desde o início, sendo uma das vozes que votou não no conselho que discutiu sobre a criação de um trabalhador primitivo na Terra. Mas agora era tarde. A realidade estava ali para



Esta é a famosa Inscrição de Behistun, localizada na região de Kermanshah, do Irã, a 100 metros do chão e tendo 15 metros de altura e 25 metros de largura

todos verem, apreciarem e usufruírem. Restava apenas seguir em frente com os planos de mineração do ouro, para fazer valer todo esforço e todo sacrifício de talvez jamais poder voltar para casa.

Enlil, com sua mente estratégica típica de militares, buscava um jeito de tentar eliminar a nova espécie numa ocasião oportuna e limpar a Terra do mal feito. Naquele momento, resolvera aceitar o que o destino impôs, mas não queria ver na sua frente o bizarro casal terrestre. Disse a Enki: *“Leve-os daqui sua serpente traiçoeira!”* Ou algo assim...

Centenas de anos depois surgiu o outro casal Adão e Eva, esses sim os pais de Caim e Abel no livro do *Gênesis*. O homem de Cro-Magnon, ou *Homo sapiens* arcaico, surgiu do cruzamento entre o Anunnaki e o descendente do espécime criado em laboratório. Mais uma vez teremos a interferência da serpente do Éden. Enki percebeu que, com o tempo e as constantes relações consanguíneas, o seu precioso experimento estava de alguma forma regredindo ao estágio primitivo, e então começou a buscar uma solução para o caso. E o recurso foi ele mesmo se relacionar sexualmente com duas fêmeas descendentes de Adamu e Ti-Amat. O experimento, conduzido em meio à vegetação e à sombra de uma árvore, logo deu resultado.

Das fêmeas nasceram filhos, um menino e uma menina, ambos híbridos aperfeiçoados a um grau mais elevado — eram criaturas mais graciosas, inteligentes e, embora ainda algo rústicas, um passo antes de se tornarem o que somos hoje. Enki guardou segredo dessa “experiência” pelo tempo que pôde. Dizia a todos que a nova espécie de terrestres havia surgido naturalmente no deserto. Ao menino, denominou Adapa, e à menina, Titi. Foram criados por ele mesmo e sua esposa, e foram amados como filhos por ela. A eles tudo foi ensinado e eles tudo aprenderam. De fato, foi a partir de Adapa, o escriba, que se começou a registrar a genealogia dos terrestres: *O Livro das Gerações de Adão!*

Nesse ponto, devo fazer uma observação de cunho científico: estudos genéticos que fizeram análises do DNA fóssil de mulheres neandertais e do DNA mitocondrial — que é passado exclusivamente da mãe para filhos de ambos os sexos — concluíram que compartilhamos de 2,5% a 4,0% do DNA com os neandertais. Agora, fazendo a análise a partir do cromossomo Y, os pesquisadores observaram que aparentemente o DNA deles não foi passado para os humanos modernos. O que faz sentido, pois aqui venho propondo que o dono do cromossomo Y é um Anunnaki.

Mais para a frente foi com as descendentes de Adapa que se relacionaram e tiveram filhos os Nefilim, ou os famosos Anjos Caídos, que de caídos não tinham nada, pois eles não caíram, mas aterrissavam. Após o Dilúvio, uma catástrofe natural e não um castigo de Deus, mas que Enlil soube aproveitar para tentar, sem sucesso, exterminar a aberração gerada do Pecado Original — que, aliás, nada mais é do que a experiência genética ocorrida no passado —, houve uma mudança no padrão comportamental social entre os Anunnaki e os terrestres.

O homem já não era mais escravo, era a partir de então coadjuvante na construção da história do mundo. Surgiu a Suméria, o Egito, a Índia e a China. Impérios ergueram-se e caíram, e aqui estamos. Hoje, em plena era da informação e da tecnologia, podemos compreender melhor o que os antigos textos diziam em linguagem alegórica. Atualmente, sem o fanatismo religioso que perseguia quem ousava pensar, podemos entender que a *Bíblia* não fala do Deus

criador de tudo, que permanece inescrutável à mente humana, mas de extraterrestres que, se aventurando pelo espaço, encontraram e colonizaram a Terra e criaram o *Homo sapiens*.

Hoje, que já não precisamos mais nos provar seres racionais e lúcidos, podemos admitir que o elo que falta na Teoria da Evolução pode ser facilmente explicado por uma teoria alternativa, mas não menos racional e lógica. A tese de Darwin faz todo sentido, mas só até certo ponto. E a *Bíblia* não está, afinal, nos contando histórias da carochinha. Tudo se encaixa perfeitamente. O que estava fora de lugar era a interpretação equivocada dos antigos textos, por teólogos preocupados em explicar o que não conseguiam entender. Ou será que entendiam e apenas tentavam, por motivos escusos, ocultar embaixo de camadas e camadas de traduções e alterações o que continha o texto original? Isso nunca vamos saber. Ou vamos? Entretanto, podemos observar que, quanto mais ignorante a massa popular, mais fácil se torna a sua manipulação e domínio, principalmente através das religiões.

O *Gênesis* bíblico é apenas um resumo dos textos mesopotâmicos muito mais antigos. Mas, pondo um pouco de lado o texto hebraico, temos vários outros textos ditos “sagrados” espalhados pelos quatro cantos do mundo, cada qual de uma mitologia diferente, contando exatamente a mesma história. Trocam-se os nomes dos personagens, mudam-se alguns detalhes, mas o miolo da narrativa é sempre o mesmo — em algum momento no passado da Terra, deuses desceram do céu e criaram o homem. Será realmente apenas mitologia? E o que é uma narrativa mitológica senão a tentativa de ser didático, explicando coisas complexas por meios comparativos, numa linguagem que possa ser compreendida por quem ainda não está pronto para entender tecnologia avançada, ou procedimentos médico-biológicos sofisticados?

Quando Sir Henry Layard encontrou Nínive embaixo de escombros e aquelas tabuletas de argila dentro das ruínas da biblioteca de Assurbanipal II, e quando George Smith, em 1876, reuniu suas várias descobertas num pequeno livro que ele intitulou como *The Chaldean Account of Genesis [O Gênesis Caldeu. Reedição de E-Artnow, 2019]*, e que foi o primeiro livro a comparar os textos antigos descobertos na Mesopotâmia com os contos da Criação e do Dilúvio da *Bíblia*, ninguém

tinha conhecimento ou sequer achava possível as viagens espaciais. Zecharia Sitchin pôde perspicazmente ver nos intrincados textos alegóricos o que estava ali esperando inquieta e silenciosamente o tempo de ser compreendido à luz da Era Espacial.

Hoje em dia, só não vê quem não quer. O homem moderno continua sendo escravo, mas somente da sua própria arrogância que o impede de enxergar, ou aceitar o óbvio.